

COMUNA LIVRE

Orgão e propriedade da UNIÃO ANARQUISTA COMUNISTA

QUINZENARIO

Redacção e administração:

No Norte: R. Fernandes Tomáz, 224—Porto

No Sul: Bêco da Ricarda, 4—Lisboa

Director: Bartolomeu Constantino

Editor: Domingos Pereira da Rocha

Comp. e Imp. na TIPOGRAFIA PENINSULAR—R. dos Mercadores, 171—PORTO

ASSIGNATURA

12 mezes 30 cent. Para os outros pe-
6 " 15 " zes acresce o impa-
2 " 7,5 " te do correio.

Avulso 1 centavo

AOS TRABALHADORES

A pé escravos! E' tempo de mais para satisfação das nossas reclamações! Que fazeis então?! Deixais que nos arranquem a pele, já que nos tiraram a camisa! A expropriação é uma necessidade; e tu povo, que tudo produces e nada tens, necessitas não te deixares assoberbar pelo indiferentismo, que só te leva para um abismo, de que jamais poderás sahir sem o labéu de cobarde.

Por isso povo, sem mais demora lança-te na luta, porque é mais preferível morrer na rua, atravessado por uma bala da força armada, do que ao canto d'uma casa, pelo negro espectro de fome!

De pé pois e avante! Alerta famélicos!

E' tempo e mais que tempo, de ser um facto as nossas aspirações:

Liberdade aos presos por questões sociais!

Abaixo a carestia da vida! Viva o dia normal de 8 horas!

Avante e viva a revolução social!

A greve geral no Porto

● povo agredido à pranchada e a tiro—Prisões—Associações encerradas—Traições ao movimento

Os operarios da construção civil, de ha longas semanas que se tinham lançado na greve, para a conquista das 8 horas de trabalho.

Movimento altamente justo e que de ha muito devia ser um facto, pois que o trabalhador necessita de tempo para a sua instrução, e para descansar da ardua tarefa de que está incumbido.

Mas os parasitas, que mercadejam com a dor umana, desde logo se prepararam para aniquilar as aspirações dos que vivem trabalhando, porque só assim podem continuar no seu criminoso mister.

E então a construção civil do Porto, no completo alheamento do que sejam as lides revolucionarias, não respondeu á infamia da burguezia, como lhe competia fazer, e confiou pouco ou nada em si, para confiar tudo a determinadas comissões.

Principiou logo a dividir-se a derrota, dos sinceros trabalhadores, porque enquanto estes se não descortinavam pelas ruas pateando a sua miseria, o seu desfalecimento fisico, impondo-se aos que os roubam, as taes comissões rempiam os estofos caros do governo civil, vindo de lá dizer «que sua Ex.ª o governador civil era um bom homem, em que os operarios podiam confiar».

Que estivessem certos que sua Ex.ª estava na disposição de ser favoravel aos trabalhadores». E assim as semanas iam passando, e os operarios esperando, cada vez mais fracos, embora muitos o contrario julgassem.

Tal situação era insustentavel. Dá-se então um comicio - que apesar de proibido pelo tal amigo, sempre se realizou, embora fora do Porto—para que a questão fosse tratada, e se resolvesse qual o caminho a seguir.

A greve geral, de solidarieda-

de para com as classes em luta, e que já tinha sido votada em principio, foi definitivamente proclamada por milhares de pessoas. Desde este momento a questão tomava uma outra feição.

Todos os que aprovaram a greve geral, todos os que estão ao lado dos humildes, das escravos, deviam concorrer para a sua victoria.

Mas desde logo tambem a tal Ex.ª principiou a demonstrar que realmente era muito amiga dos operarios. E assim, quando da volta do comicio, mandou-os receber á pranchada e a tiro, talvez em signal de regosijo, sendo logo efetuadas prisões. E desde esse dia as violencias da autoridade foram-se sentindo cada vez mais.

A cidade esteve em estado de sitio, sendo as ruas patrulhadas por cavalaria.

O pove trabalhador era constantemente agredido á sabrada e a tiro, não havendo a minima consideração para com as creanças, para com os velhos e para com os aleijados, mesmo que cegos fossem.

Casas houve em que quebraram todas as vidraças, fazendo um policia fogo pela fechadura enquanto outros arrombavam as janelas. E conseguindo lá entrar quebravam tudo.

Mulheres, que se arrojassem a reclamar a libertação dos seus companheiros, eram recebidas a pontapé e bofetada.

E enquanto a multidão assim era tratada, os mandados de captura eram passados contra determinados camaradas, que iam compartilhar da sorte dos que, durante os conflitos, continuamente eram presos. E entrando na prisão, já sabiam que a mais rigorosa incomunicabilidade lhes era imposta, tendo uns, após alguns dias, de transitar pelo tribunal, onde lhes aplicavam dez ou mais dias

de cadeia, sobrecarregados com a multa de dez escudos. Outros continuavam no aljube, como medida preventiva, até á solução do movimento.

E os senhores do mando, não satisfeitos com isto, encerravam Associações de Classe, para que o operario lá não pudesse reunir e resolver.

Emfim o terror imperava na cidade, sobre o trabalhador, sendo talvez isso uma manifestação da amizade de sua Ex.ª, o senhor governador civil, Pereira Osorio.

E enquanto isto se passa com o operariado revolucionario, com aquele que pensa na miseria que domina a sociedade, e trabalha sem egoismos para que a Opressão termine, bem triste nota de sição os que por reformismos e politica enveredam.

Individuos houve dentro das associações, que, sem o minimo pejo pela sua traição, não tiveram duvida em não secundar o movimento, e fizeram aprovar moções que tentavam iludir a verdade, mas que mais faziam resaltar a sua infamia.

Uns, apreciando mais o capital do que as reivindicações proletarias, viram que nesta ocasião das festas do natal perderiam a esportula que lhes seria dada com o engodados por musicas engalanamentos.

Outros, que tambem nunca foram capazes de sentir o amor pela Liberdade, e que só passam a vida especulando com os trabalhadores—fazendo o possivel para que os guindem ao poder—trabalharam afincadamente para que os revolucionarios ficassem só em campo, comprometendo-os o mais que podiam.

E é certo que a autoridade, sobre nós—os anarquistas—exerceu a sua acção.

Mas d'ái só grandiosidade vem para o nosso ideal, porque demonstrado mais uma vez fica, e para o operariado uma grande lição é, com quem os oprimidos podem contar.

E para os taes senhores politicos, só mais se lhes salientou a infamia, de que fazem norma, e

mais se avolumaram as suas traições.

Que os trabalhadores se compenetrem da justiça, da verdade, e corram com os traficantes da sua onra, do seu bem estar

Abaixo os treldores!
Trabalhadores! Alerta!

A bomba ao serviço duma causa

(Conclusão)

Que fazer um bando de revolucionarios contra um exercito disciplinado, contra a artilharia, e contra as cargas de cavalaria, que caem canibalescamente sobre o povo? Fugir?

Mas isso é a perda dum movimento, é entregar ás mãos dos culpados os que aspiram fazer triunfar uma Causa. Nesse momento uma indecisão perde tudo. Mas, se entretanto um pequeno objecto for lançado para o meio dos soldados, e a explosão se der... todos esses heroes convencidos fogem, porque sentiram logo um inimigo, contra o qual não podem combater.

Quantas forças organizadas não teem dispersado ao rebentar da poderosa bomba, que se fabrica, despreocupadamente numa mansarda desprovida dos meios necessarios á vida, entre palavras de esperança, desejos perturbados, desalentos logo esquecidos e contos vulgares?

Estou a ouvir os espiritos chamados ordeiros e ponderados—que considero como variantes de cobardes—a dizerem que é um crime o emprego dos explosivos, porque não significa um combate em campo descoberto. Mas é porventura um combate a campo descoberto o que se faz com metralhadoras e espingardas de grande alcance? Considera-se leal o fogo das baterias de bordo, que no 14 de maio se fez sobre o povo indefez? E' porventura leal, num combate duma rua, empregar as carabinas da cavalaria contra um

povo armado de pedras? E pôde-se considerar cobarde a quem atira uma bomba, tendo antes sofrido o perigo de manipular-a, com a morte diante de si ao mais pequeno descuido ou estremecimento; com o risco duma cela na penitenciaría á mais insignificante denuncia? Não, um milhão de vezes não!... Para a bomba, que se coloca ao serviço das causas justas, reinvidico o logar de onra que lhe pertence.

Poderá sêr assassina—mas purificar. Pode-se sêr destruidora—e contudo construir. A cirurgia tambem corta partes do corpo; e a medicina emprega drogas energicas. Per conseguinte nada é prescindivel quando empregado com justiça e valor.

Eu odeio o odio, não sou de reserva, porque quando erro, não tenho duvida em penitenciar-me, e tanto assim que repto o primeiro que me possa desmentir de facto; mas para exterminar o odio á Liberdade, ao Bem, á Verdade, ao Ideal, que me fará viver e agir, julgo todas as armas leaes. Odeio o sabre da policia que agride, e a besta da municipal que pisa o povo indefeso; como tambem não tolo a espada de Garibaldi que acabou com o poder do papa, para crear o do rei.

A granada que ataca a multidão em justa revolta, é miseravel, mas a bomba que defende um povo e procura suprimir a tirania, sem duvida que é e deve sêr sublime!

Bernardino dos Santos.

Reaparece brevemente
A SEMENTEIRA

Mensario illustrado. Critica e sociologia
AVULSO, 2 CENT.

Correspondencia, colaboração, etc., pode ser enviada desde já para o
CAES DO SODRÉ, 83
Lisboa—Portugal

Amor e sexualidade

A união de dois indivíduos de sexo diferente não quer dizer que exista aí o amor, pois na maioria das vezes só há o capricho de aquisição—assim vemos um parasito elegante que se ligou instintivamente, mas não racionadamente. E' preciso que não haja confusão, pois diverge a união instintiva da união racionada. A primeira depende do instinto sexual, que os une, apenas para saciar a sexualidade; a segunda é mais alguma coisa, é a união pela investigação das qualidades dos indivíduos que se unem. E por se dar a maioria das vezes a união instintiva é que, após pouco tempo, surgem os desgastados no lar, porque o sentimento dum diverge do outro, e daí a impossibilidade dum bem estar conjugal.

Não sei se o leitor já teve ocasião de observar a vida num lar, onde um individuo é inteligente, em contrario do outro; em que um é asseadissimo, outro um estragado, sempre nodoso, um poupado, outro perdulario.

E' o suficiente esta heterogeneidade para nunca no lar haver socego.

Contemporisa-se, mas nunca é possível viver bem; há um mau estar, uma indisposição.

Pode, é certo, haver o capricho de que, um para o outro, não há nada mais bonito, nada mais supremamente lindo do que qualquer dos dois, de resto, passada a ocasião psicologica do apreço, tudo é banal.

E' preferível como vêdes, sacrificar o instinto sensual, a viver numa constante guerra familiar, interrompida a penas na ocasião do coito.

Estudar os habitos um do outro, eis a missão que cumpre aos dois individuos que pensam unirse; ver até mesmo se um será de facil adaptação ao genio do outro, isto avitaria, certamente, o que para aí se vê e que concorre para a prostituição, que dia a dia se desenvolve com o seu candal de horrores.

Não são as leis que não-de modificar o atrazo em que a sociedade se encontra; os costumes é que se não-de ir modificando de maneira a preparal-a para um futuro risinho.

Como a Comuna Livre é um periodico educativo, deve concorrer para o mais rapido desenvolvimento dos bons costumes, demonstrando que os anarquistas sabem como conseguir o que querem: a Anarquia, o Bem.

M. P. A.

Caminho a seguir

Decorrido ha já tanto tempo em que o povo faminto derramou o seu sangue, batendo-se com a força publica, proclamando com energia que tinha fome e que a vida estava carissima.

Afinal isso a nada obsteu. A situação continua a piorar, porque os tiranos não viram bem a organização popular, qual a sua orientação, o verdadeiro pavor que lhes devia causar e o destroço que devia fazer. Mas eu penso que se devia repetir a mesma acção, e então com mais violencia, dum ruido mais forte, dum compreensão mais nitida. Penso que o trabalhador deve ir buscar o que produziu e que lhe é roubado e de que tem precisão. Que ha necessidade de fazer cumprir a moralidade, de fazer fracassar a lei; abater os burguezes—usurpadores—os industriaes—sangue-sugas—e todos os causadores da imperfeição da sociedade.

E penso tambem que assim acontecerá.

Vila Nova de Gaia

Joaquim dos santos Silva

MODOS DE VER...

A carestia da vida—Suas causas e efeitos.

A situação actual é má. Hoje só vive sem dificuldades aquêle que tem como modo de vida o de dar ordens aos seus empregados e impôr-lhes como obrigação a pratica das maiores traficâncias, isto é, aquêle que faz da açambarcação o seu unico modo de vida; da exploração o seu melhor prazer; da crápula o seu manjar predilecto e da mentira a justificação dos seus roubos bem conhecidos.

Os comerciantes de grande escala mentem agora, mais do que nunca, com um descaramento inaudito.

E assim dão-nos como justificação dos roubos essa tremenda hecatombe que, nestes ultimos tempos, vem enchendo a Europa inteira com sangue humano e roubando milhares de braços ao campo, á mina, á oficina e á fabrica, sem se comoverem sequer das classes pobres, que já começaram a ser victimas das garras aduncas da fome negra, espalhadas cada vez mais pelo lar da grande familia proletaria.

A' sombra d'esta guerra terrivel, os senhores comerciantes, mais vigorosos na açambarcação tem acumulado fortunas colossais e saciado as suas barrigui-nhas parasitarias da fome do vil metal, enquanto que os que tudo produzem e nada têm, sofrem as agruras da fome, dentro d'umas pocilgas imundas que lhes servem de habitação e se estiolam no trabalho arduo, que os tortura cruelmente, dia a dia. E os açambarcadores egoistas tentam vedar-lhes os olhos com a capa hipocrita da irregular exportação, pintada com o palavrado cínico, que usam e continuado sem entraves, a colar nos generos de fabrico nacional uns rotulos com uma legenda em alemão, francez, inglez e belga, que lhes servem de pretexto para elevarem o preço para o duplo ou mais ainda, tornando assim a aquisição dos generos indispensaveis ao devido alimento, impossivel para os consumidores sem forças monetarias. E este viver difficil não termina, nem os famintos, todos aquêles que têm fome e trabalham, se mostram resolvidos a pôr o necessario e urgente termo a este viver infame e a este catelismo diario, em que a sociedade actual se debate.

E' preciso concordarmos que, principalmente neste malfadado Portugal, aquêle que, n'este momento de angustia para a Europa não tenha como profissão o comercio patronal, a vida vai-se-lhe tornar impossivel dentro em pouco, se isto assim continua a levar o mesmo caminho.

E' preciso repararmos para essas prisões infectas e imundas, que se vão enchendo constantemente de individuos, pelo crime de roubar para matar a fome.

E' preciso repararmos nas casas tristes da negra prostituição, onde agora continua a aumentar, d'uma maneira assustadora, o numero das infelizes, victimas da mizeria motivada pela ganancia dos commerciantes, e victimas do amor interesseiro e perverso, adotado n'esta sociedade, cada vez mais pôdre, mais nojenta e mais imbecil.

E' preciso repararmos para esses hospitaes, unica guarida dos doentes pobres e filhos do trabalho, que cada vez se encontram mais replétos de doentes por falta do alimento necessario ao bom funcionamento do corpo, já sacrificado pela árdua tarefa do trabalho.

E' preciso reparar-se tambem para essas chamadas casas de emprestimos sobre penhores, e lá se encontrará o vestuario indispensavel aos operarios, juntamente com a maior parte das mobilias

que ornamentavam toscamente os seus miseraveis tugurios, estando a bater nos a porta o inverno e a néve, e que lhes não-de-sofrer as suas agruras cruéis e implacáveis com a roupa no preço e os novos perros de frio e encharcados de chuva. E os cofres dos açambarcadores encontram-se cheios com o dinheiro dos que trabalham, e eles metidos no leito entre bons cobertores de lã, pensando no modo de satisfazer melhor a sua ganancia e ambição, que nunca vêm satisfeitas pois se têm muito, mais querem ainda e por isso continuam a explorar-nos.

E' preciso reparar-se em tudo isto, convencendo-nos que os senhores açambarcadores são mais responsáveis por este nosso mal-estar do que mesmo a propria guerra, com que eles justificam as burlas de vigaristas perigosos á vida de nós todos, os que vivemos do nosso esforço e trabalho.

Tráte-se de estudar bem os motivos da actual carestia da vida, analisando-se bem as suas causas e efeitos, que agora se fazem já sentir bastante e que em breve não-de-fazer baixar á negra sepultura dezzenas de seres humanos, torturados pela fome, se nós todos, explorados, não metermos na ordem os nossos exploradores e açambarcadores do que por direito nos pertence, mostrando-lhes, num gesto nobre e ativo que a justiça popular é justa e que não se vende por dinheiro algum. Só assim evitaremos que mais um grande numero de irmãos nossos no inverno vão fazer companhia áquelles que já dormem o sono eterno no cemiterio pequenino de aldeia ou no grande da vila ou cidade, victimas da tuberculose, derivada da falta de alimento e muito aumento de trabalho, o que tem feito ocupar alguns já, em grande numero, a ultima morada.

Empreguemos portanto, todos os nossos esforços e boa vontade, para evitarmos que tal não continue a succeder, mostrando assim aos que hoje nos querem tornar a vida impossivel, para encherem os seus cofres negando-nos aquilo a que temos incontestavel direito, que não é quem adota como de vida o comercio patronal que tem o direito de viver livremente, satisfazendo todas as suas necessidades.

Acábe-se com a desculpa infame da guerra no aumento dos preços do que é fabrico nacional ou então a vida tornar-se-nos-ha impossivel.

As burlas dos açambarcadores estão bem conhecidas e por isso não haja ilusões. Castigue se quem merece castigo.

Eis aqui por hoje os nossos modos de ver sobre parte de tão importante problema a resolver e no proximo numero trataremos do resto.

(Aveiro)

M. Labrador Junior

DE REGRESSO

Há dias já, que chegaram a Lisboa dezenas de soldados, que tinham ido defender algumas das provincias ultramarinas, ameaçadas pelos alemães.

Esses milhares de homens, que tão uteis eram ao trabalho, mas que a ele foram roubados para irem defender a Patria, voltaram em grande parte arruinados para toda a sua existencia.

Sim! Isto não falando dos que morreram de febres ou nos combates, sanguinolentos,

Os que perderam a sua mocidade,

a sua vida e seus entes queridos, receberam da patria mãe as devidas homenagens á sua valentia e bravura.

Os profissionaes da caserna receberam em troca dos seus actos selvagens e criminosos as medalhas de heroidade.

Oh! Mas de quanto isto é abominavel e execravel! Milhares de jovens são, robustos e sadios, irem assim como animaes irracionaes para a matança, perdendo tudo quanto de belo e sublime possuíam só porque meia duzia de individuos, de vontade gananciosa e interesseira os mandaram envergar uma farda e pegar numa espingarda da qual farão uso á ordem cavernosa do superior, que faz parte tambem dos mesmos individuos e lhes diz que vão defender a Patria, sua segunda mãe!

Mas que mãe é essa que consente que seus filhos vão trucidar-se e matar-se sem que duns para os outros recebessem o mais pequeno agravo!

Pois essa mãe é criminosa, vil e torpe, porque admite que seus filhos morram á fome, andem de trajas andrajosas, e descalços!

Ela os encerra nas prisões, os fusila na praça publica, se um dia tem a hombridade de reclamar mais pão ou liberdade!

Quantos hoje, pensando um pouco, não amaldiçoarão essa mãe hipocrita, que os arruinou para sempre e os enganou torpemente, como eu já ouvi os queixumes de alguns;

—Eu quando fui daqui, ia gordo, vendia saúde, hoje volto doente, arruinado. Mandaram-nos para a morte. Bandidos! Assassinos! Fomos enganados!

E como este muitos outros confirmavam estas palavras.

Lembram-me ainda alguns soldados do Cuamato, que tiveram que estender a mão á caridade publica se queriam viver.

Eis a recompensa da Patria-mãe agradecida.

Oxalá que estes factos e muitos outros, sirvam de exemplo aos jovens, porque nada lucrarão em envergar a odiosa farda de militar e pegar na homicida espingarda, senão a morte horrrosa no campo da batalha.

Que os jovens, o povo, se convençam de que a noção de Patria só em épocas primitivas foi aceitavel, e hoje só traduz a perpetuação de nma burla odiosa, a cuja sombra se praticam os mais abominaveis e horriveis crimes.

Lisboa

INUBIA

Farrapos umanos

Noite alta e invernosa. Cai uma chuva glacial que fustiga os poucos transeuntes.

Junto á parede sigo apressado para a minha umilde abitação, quando, subito, paro, por ver um vulto a meus pés. Percebo um montão de farrapos, mas olhando atentamente distingo ser uma mulher desfalecida. Procuo perscruta-la, para saber se ainda vive, e percebo no seu rosto macilento e macerado ainda uns restos de beleza, e uns leves ais me indicam que ha ali uma vida a socorrer.

Quando tentava reanima-la abre os olhos e eu pergunto-lhe então:

—O que tens? O que te doe?

Ao que ella custosamente me responde:

—O que me doe! Todo o meu corpo me doe... porque todo é de uma chaga!

—Inquiri então:

—E a sífilis, não é verdade?

—Sim. Mas... tambem a tuberculose me apouquentá.

—E então não tens onde durmas, não tens casa?

—Não, meu senhor... Depois de ter transitado pelos grandes salões, onde ha luxo e devassidão... vim descendo até aos mais infectos antros e alfurjas crapulosas... onde campeia infrene a degradação! Um dia as autoridades mandam fechar parte desses antros... Julguei que seria uma medida de alcance moral... que visasse á nossa regeneração... mas tal não succedeu...

Em vez de nos destinarem um refugio fomos lançadas para af... em busca de quem nos quizesse!

—Oh! desgraçada, então tu julgavas que os governos, assim como os seus serventuarios, tratavam da tua libertação? Não vêes que uma parte da receita da policia é adquirida á custa do teu sacrificio? Juizes policias e carcereiros vivem tambem do vosso degradante mister. E não te admires de seres vitima, eu tambem o sou e todavia não me entrego aos vicios de esta sociedade carente e ladravaz.

—Terminou com o nosso dialogo o tanger duma guitarra e o rodar dum automovel, que conduzia um bando de esturdios, que cantavam embriagados de vinho e de praser, acompanhados de outras tantas desgraçadas em igual estado.

E eu, novamente falando, digo:

—Vês, foram orgias assim, bacanaes que muito apreciaste que te levaram ao estado em que estás. Outro tanto succederá áquellas infelizes, que não veem o futuro.

—Dos seus olhos deslisam lágrimas, e aperta-me as minhas mãos entre as suas.

Vejo que esta situação não pode continuar e que urge socorrer esta desditosa criatura.

Por mim só não sei como mas lembro-me que no ospital podem e tem por dever fazel-o.

Corro á esquadra próxima requisitar uma maca e, depois de muita pergunta, sempre consigo que seja permitido trazel-a.

Chegados ao ospital, sinto contentamento por julgar que alivio lhe vai ser dado. Mas passado uns momentos, dizem não poder lá dar entrada. E objetando eu, que na rua não podia ficar, respondem-me que a levemos para o aljube!

Não sabemos que fazer, e algum tempo ficamos indecisos.

Aprocimo-me então para lhe perguntar qual o caminho que devíamos tomar, e noto-lhe como que um riso irónico.

Não responde ás minhas palavras, e está nma completa quietude.

Pela morte estava liberta de esta execranda sociedade.

Julio de Campos

Avante pela verdade

Organizou-se este grupo anarquista.

Saída os camaradas de todo o mundo.

Dilliberou contribuir moralmente no movimento da carestia da vida e presos por questões sociais assim como materialmente para a tiragem de broxaras scientificas e anarquistas. Realisará palestras, etc.

Reúne ás segundas feiras.

Correspondencia para o camarada Humberto Severino.

Rua de Camões, 160 casa 7—

Porto.

Em moral, como em arte, dizer é nada, fazer é tudo.

Guerra ao militarismo

(Conclusão)

Soldado!

Lembras-te d'aqueles tempos em que, logo de madrugada, marchavas para a montanha a apascentar o gado, e que passados poucos momentos da chegada ouvias ao longe o cantar da que esperavas ver tua esposa, que te vinha cumprimentar antes de ir para a sua faina?

Não tens pena d'aqueles momentos em que vos abraçáveis, sem a maldade do mundo que vos fizesse corar?

Não te recordas de que os campos pareciam cantar, enchendo-te de felicidade?

Será possível, que tu não penses nestas coisas?

Não, não é.

Tu lembras-te de tudo e tens pena de lá não estares nesta ocasião. Não é verdade?

Então, porque mudaste dessa forma?

Foi a sociedade que t'o impoz!

Pois bem, se queres ser um homem de bem, um homem com sentimentos; se queres voltar a ser o que és, renega, esta sociedade e todas as suas hipocrisias e faze-te um revoltado contra todas as desigualdades sociais e contra um dos maiores cancores da Humanidade, causa de todas as dores dos que trabalham: **O militarismo!**

Soldado!

Medita um pouco e diz-me: Não ventes orror das mortes e infelicidades que causaste? Que mal te fizeram esses infelizes, que, fartos de sofrer, se revoltaram contra os que os oprimiam e exploravam? Fizeram-te eles algum mal? Não! Então porque os mataste?

Não sentes repulsa, ao lembrares-te daquelas criancinhas que tu, num acto de desvairamento, atravessaste com as balas assassinas?

Não penses, que podias ter morto teu pae, tua mãe ou uma outra pessoa que te fosse querida?

Vá.

Soldado!

Desperta!

Vem para o nosso lado e diz bem alto para que todos te ouçam: Era operario, vivia feliz. Um dia fui arrastado para a vida militar, arrancado á minha familia, adaptado-me á caserna e em breve me tornei assassino; matei trabalhadores indefezos só para cevar os meus instintos ferozes, de que a Sociedade me tinha esuchido. Tive um momento de revolta, mas que depressa passou por me sentir orgulhoso pela acção que tinha cometido: matar creanças, mulheres e velhos. Acabado o tempo de serviço militar, e como estivesse desaccostumado de trabalhar, alistei-me na Guarda Republicana e ali viveria julgando-me feliz, esquecendo os meus proprios paes se não me apparecesse um homem, que eu já mais esquecerei, fazendo-me vêr o erro em que eu estava.

Resisti primeiro ás suas palavras, acabando por concordar com elle. Estou pois, arrependido do que fiz e maldigo a hora em que as minhas mãos se mancharam com o sangue dos meus eguaes, victimas da Sociedade. (Não poderei ter já mais um momento de socêgo, durante a vida, mas emquanto não vier a morte, hei de empregar todo o meu ser, toda a minha energia, na defeza dos oprimidos, ao menos para tentar fazer desaparecer a noção que tenho e que já mais me esquecerá.

Ser assassino! Horror!

Matar aquêles que defendiam os seus e os meus interesses porque eu tambem sou povo.

Oh! Maldita Sociedade!

Tremet. Senhores! Irei estudar a Sciencia Social e marcharei pelo mundo fazendo despertar do letargo em que estão lançados, os trabalhadores, e dizer-lhes:

Revoltae vos, camaradas! E chegado o momento de vos libertardes das garras que vos oprimem.

A revolta!

Abaixo o Militarismo!
Viva a Revolução Social!

BASTA SENHORES!

Então senhores, no que ficam?

Ainda ha presos por questões sociaes?

Não pode ser:

Foram anistiados conspiradores, encontrados com armas na mão para vós derrubar, e contra quem, vos fizesteis leis de excepção e ainda há presos, por questões sociaes: operarios que o seu unico delicto é reclamarem melhoria de situação para si e seus companheiros de sofrimento.

Fazeis-me lembrar aquellas palavras em que dizeis: «A republica é para todos os portugueses». Mas assim não é, porque só foi para a casta dos parasitas, que vivem á custa dos trabalhadores.

Sim, foi para esses que o povo fez a revolução!

Mas o povo trabalhador quando pegou em armas era para derrubar uma monarchia corroida de males, e fazer uma republica, em que os seus direitos fossem mais respeitadas.

Deu-se o contrario; ainda ha pouco se viu serem presos tres delegados d'umas classes, que iam levar a solidariedade a outros trabalhadores, prisão efetuada por ordem d'um administrador bruto e mau. Que tem uma biografia ordinaria, em todos os seus negocios e que decerto é

acionista da companhia das minas de S. Pedro da Cova, e que comete todos os atropelos contra os operarios, só por estes reclamarem um pequeno aumento de salario.

Operarios! A União Anarquista Comunista de Portugal, vae levantar um protesto contra a prisão de camaradas nossos que ha tres anos se encontram roubados dos seus lares.

Que todos lhe prestem o seu apoio, para mostrarmos aos senhores d'esta republica, que assim como nós pegamos em armas, para os collocar em cima, tambem estamos prontos a pegarmos nas mesmas para libertar os nossos irmãos de trabalho.

Sim, é preciso que nenhum deixe de cumprir o seu dever.

Já se acabaram os meios diplomaticos. Que todos corram a praça publica para protestar.

Que ninguém tema a prisão porque assim, como lá estão camaradas nossos por serem por nós, com prazer com elles compartilharemos da sua sorte, se não os podermos libertar, por fracassar a nossa acção.

Porto
Ferreira Torres

Os crimes que a sociedade pune, são os que ella propria engendra.

Conferencia do camarada Costa Carvalho

ESCOLA DA GERVIDE

Versou sobre o tema de: «O homem na terra no decorrer dos seculos».

Descreveu a traços largos a origem da humanidade e forma de viver primitiva.

Depois explica como os omens compreendiam os fenomenos naturais e fala da origem da superstição—*alma*—e de outras superstições, do fogo e seus beneficios.

Diz que a autoridade primitiva foi a matriarcal, porém, a mãe pelo amor submeteu-se ao macho, que mais tarde, abusando dessa fraqueza se impôs pela força á companheira, e esta aos filhos.

Segue-se-lhe a idade da pedra, em que se constituiu a harmonia para a sociabilidade comum se bem que até si já o comunismo se tivesse manifestado na defeza contra as feras e na aquisição de inventos que traziam proveito a todos, como fosse: as peles com que se agasalhavam, o fogo com que se aqueciam; as casas ou grutas que construíam, etc.

O homem sente a necessidade de caçar, pois a agricultura era rudimentar, e portanto insufficiente para a alimentação da crescente humanidade, para o que inventou armas, as quais constavam de pedras em fundas de tiras de coiro. A caça, com o decorrer dos anos, escasseava e os abitantes, que dela viviam, resolveram utilizar aquellas armas contra os que viviam da agricultura, para os forçar a trabalhar para si, e assim o fizeram.

Prevaleceu desde então o direito do mais forte em armas sobre o mais fraco!

Descreveu mais como se criou a propriedade privada e como as superstições primitivas se tornaram em religiões, que até oje veem aconselhando paciencia ao vencido para que o mais forte prevaleça com o seu poderio. E o povo define.

Fez vêr as guerras que teem havido de povos com povos, e porque se davam, e demonstrou tambem o valor das diversas civilizações, que a historia regista, o predomínio Romano e as leis dimanadas do seu direito, que tudo isso não tem passado de lições que teem custado, á humanidade escrava, sangue e dor sem proveito para ninguém.

Confronta o estado do escravo com o do cidadão livre, e termina por dizer que nem um nem outro corresponde ás aspirações dos que pensam.

Expoz o que é o militarismo a pátria e quejandas coisas.

Fez a exposição do que será a humanidade na sociedade anarquista, e apelou para as mães, para que concorressem com o esforço possível para a educação dos seus filhos, dos homens livres de amanhã.

Termina apelando para os pais—que queiram ver os seus filhos educados e emancipados dos preconceitos, que neles imperam—auxiliarem as escolas racionais.

Aos amigos da instrução

Vae para uns 5 anos que um grupo de camaradas, em Lx.ª de-liberou organizar uma escola, onde conforme os seus meios monetarios se podesse ministrar o ensino racional, pelo metodo Ferrer.

Depois outro grupo, em Lx.ª tambem mas noutro local, outra escola organizou no mesmo sentido. Mas, caso singular, a idéa que é boa não encontrou eco na massa trabalhadora, e passado pouco tempo, devido á falta de meios e de quem seu esforço desse, viram estes grupos a necessi-

Al camaradoj de tutmondo

EN TIU-CI MOMENTO PLENE DA NECERTECOJ POR LA HOMARO, NI VIN SALUTAS

Por konigi al aliandaj kamaradoj pri niaj klopodoj, celantaj la propagandon de la Anarkio k' j' sian triumfon, ni sub enpresas la tradukon de la ĉefartikolo, kiun aperis en la unua n.º de nia gazeto:

FINE

Sur tiu-ci ekstremaokcidenta kŝangulo de la Tero, de longe ke la necesco tradu la vekon de la dormado por marŝi al batalado kaj Vivi.

Tiamaniere ke, ne rigardante malintencojn nek malgustojn, kiugni al ni postvenos, ni kuragiĝi jam de longe la entreprenon, kiun fine efektiviĝis nun.

Certe ke etal la malhelpoj pretiĝis por ke la Anarkio pura kaj bela sin ne povas elmontri tia, kial ĝi estas. Sed la Idealo, kiun ni sentas kaj amas, ne estas artifikojn, kaj ĝi donos forton al ni por almiti ilal barojn kiujn la necesco, malvigleco kaj la malgrandanimeco tentos starigi por ke la Rezonu estu sukata kaj ne triumfu la Verecon.

Ni daŭrigos cian em tiuci vojo, provaute kondukila Lumon al laboristaro.

Em tiu-ci gazeto kies eldonajo ni faras sen la malplejkomercacelo, ni ne di-kutos senutilajn fakojn, kiuj ciam malhelpas la Liberecon.

En tiu-ci ĵurnalo same kiel en la organizmo kiuj ĝin publikigas, cinjla kamaradoj povas kunhelpi kaj por ni ilid rekoni tiel tiaj estas suffice agi lojale kaj kun samteno.

Kaj cinj kunlaboros por fortikigi tion, kion fine oni atingas en Portugalujo.

Saudação

Ao Grupo "Mocidade Anarquista,"

Parece que a palavra *anarquia* vae deixando de ser o *terror* para os novos.

Estão formados varios grupos de jovens que se interessam pela questão social, mas todos mais ou menos com titulos diversos, defendendo contudo a filosofia anarquica. Pois bem, alguns rapazes, chamemo-lhes mesmo crianças, pensaram e levaram á pratica a organização dum grupo onde se agrupassem os jovens anarquistas, não temendo perseguições, não temendo mesmo a gargalhada alvar dos que sempre estão dispostos a rir das energias e iniciativas dos novos, não receando até a expulsão do lar paterno como aconteceu a um dos seus organizadores.

Esses rapazes intitularam o seu grupo de *Mocidade Anarquista*. Não poderiam escolher melhor titulo.

Mocidade anarquista que quer dizer?

Quer dizer que ha um determinado grupo de jovens, que estão alguma coisa livre dos preconceitos e dos vicios inoculados por esta sociedade torpe e vil, onde impera a força que suprime o direito, a mentira que sufoca a razão, o crime e a injustiça que esmagam a Justiça e a harmonia entre os individuos. Que ha um grupo de jovens que estão dispostos a fazer, por todos os meios, com que os outros jovens se livrem dos vicios e preconceitos e se disponham a lutar por uma sociedade justa e equitativa.

Pois bem, jovens! Vós, que entre a mocidade das escolas e das oficinas quereis difundir a filosofia anarquica; vós, que quereis lutar pela educação dos novos e chamal-os á revolta contra aquêles que fazem monopólio da ciencia, roubando o pão do corpo e do espirito, aos que trabalham; vós que não temeis o pavôr que existe na sociedade e que faz com que ella seja hostil aos anarquistas, sejai bem vindos.

Eu vos saudol Não por terdes formado um grupo, mas porque sois os jovens que tendes tambem de educar os jovens.

Por isso avante mocidade!

Avante pela realização do ideal que nos ilumina!

Avante pela educação!

Salvé, jovens lutadores!

Eu vos saúdo e vos incito para que não esmoreçais na luta.

Avante, jovens camaradas, pela conquista de Pão, Terra e Liberdade que é o que vem dar a felicidade.

Avante pela anarquia!

Sede bem vindos.

Lisboa, 8-11-915

Alfredo Cruz.

E é isto!!!

Tudo está caro; todos se queixam mas ainda se não fez um movimento energico, a não ser o de 18 de Setembro do ano passado. E não é só preciso um, são precisos muitos, para que os governantes não abuzem do povo.

As organizações operarias o que fazem? Salvo raras excepções, é só mandar papeis para o governo, havendo até uma associação de classe que andou com a bandeira a dar vivas aos aliados e morrer aos germanofilos!

Parece desconhecemem que papeis teem já o destino sabido: caixa do lixo.

Assim é que o operariado fica sempre á espera do que nunca vem.

Desperta! Alerta!

A acção directa é que dá o resultado preciso, porque só então os detentores da riqueza social, vêem que o Povo pensa, e tenta recuperar o que lhe pertence.

Já está mais que demonstrado que sem um movimento revolucionario, os géneros não embaratecem, pelo contrario encarecem.

Os acambradores só querem ganhar muitissimo, para encherem os cofres de metal sonante e andarem na orgia e no deboche, enquanto o povo rebenta de fome.

Por isso, proletarios, deixai-vos de representações, de papeis. Se quereis alcançar alguma coisa recorreí á Sablime Revolta!!!

Francisco dos Santos Viana

A GREVE TEXTIL EM PEVIDEM

Cobarde assassinato

11

Segunda-feira 22, dia sangrento, que jamais poderemos esquecer.

Passaram as 10 horas e o administrador não mandou resposta nenhuma, faltando ao que tinha prometido. Chegam as 13 e nada. Vendo-se que ele mais uma vez nos queria ludibriar. Resolvemos então mandar o telegrama: «Pevidem, Grevistas impacientes. Vem ou vamos».

Resposta imediata.

Passada meia hora recebemos um telegrama, que dizia: «Vamos já».

Após meia hora houve-se ao longe um automovel, e todos anciosos por saber o que se iria passar, dizem:—ele aí vem, ele aí vem.

Efetivamente era o administrador acompanhado com o seu amigo Mariano Felgueira, presidente da comissão executiva da camara de Guimarães.

Mas o carro passou veloz dirigindo-se ao quartel dos bandidos e casa do industrial, Antonio Lopes Correia, juiz de paz e regedor, onde se reuniram todos os exploradores dos operarios textis de Pevidem.

Para lá foram estudar a maneira de aniquilarem a greve.

Deram as 19 horas e resposta nenhuma. Tão só tinham mandado 5 burros, que andavam ao serviço da democracia, dizer que não era permitido qualquer manifestação, do contrario teriam de intervir.

Como o tempo se passava e os grevistas estavam impacientes pela resposta, nós delegados Rafael da Rocha Guimarães, Nicolau Sobrinho, João Fernandes Macedo, todos de Guimarães, e Manoel Francisco de Pinho, do Porto, dirigimo-nos ao quartel general, onde estavam reunidos e mandamos chamar o administrador, que veio falar á rua, dizendo-lhe nós que iam saber a resposta dos industriais, para a transmitirmos aos grevistas. Ele, com um ar de cinico, responde-nos que em virtude da manifestação que os operarios tinham feito no dia anterior, já que os grevistas não foram ordeiros, os industriais nada cediam e nem ele podia investir com eles.

Enquanto isto se passava lá

dentro riam-se e barafustavam, escarnecendo dos humildes trabalhadores.

Junto a nós estavam alguns operarios grevistas, que indignados contra o que presenciavam, revoltaram-se, assim como nós delegados.

E então, 20 oras, já vinha a caminho de Pevidem a força armada, para guardar esta corja de usurpadores.

O assassinato do camarada

Joaquim Machado

Deixamos o administrador que se foi juntar á restante canalha, e conduzimo-nos para a séde da associação onde expuzemos tudo quanto se tinha passado, lamentando que durante 20 dias de luta nada se tivesse conseguido, a não ser do industrial João Mendes Ribeiro.

Os operarios, num gesto de indignação e revolta, dirigiram-se para casa do maldito juiz de paz, onde estava o administrador, para lhe mostrar que ainda estavam vivos e que a fome ainda não os tinha matado. Porém ao chegarem proximo á casa do telégrafo, os senhores de Pevidem ordenam, aos cinco burros que estavam a guardalos, que não deixem passar o povo.

Foi então, quando começaram a acutilar a tórto e a direito, que o povo se viu obrigado a fazer frente aos seus adversarios, fazendo estes fogo, pelo que cafu o camarada Joaquim Machado, que ainda gritou para os seus assassinos:— Ah! Covardes, assim se faz fogo sobre o povo indefeso!

Estabeleceu-se a confusão, todos querendo vingar a morte do seu companheiro. A familia gritava por um ser, que os assassinos do povo tinham matado.

Assim canalhas, assim, bandidos, é que se faz justiça ao povo!

Foi para isto, farçantes, foi para isto, covardes, que se implantou a republica! E' esta a tal decantada egualdade e fraternidade!

(Segue)

Manoel F. de Pinho.

mento, em que esta União protesta contra as estupidas arbitrariedades da força, das autoridades.

Na assembleia realizada para apreciar a greve de Porto, foi nomeada uma comissão composta de dois membros de cada classe, para tratar com os mestres, sobre o orario de trabalho. Segundo nos informam membros desta grande comissão, a quem a assembleia concedeu poderes para preparar o terreno para uma luta proxima, devem os mestres enviar por escrito á União Operaria Transmontana, as condições em que aceitam o horario.

Necessario se torna, portanto, chamar os operarios refratarios ao cumprimento dos seus deveres, porque o choque vai ser tanto mais violento, quanto mais intransigentes se mostrarem mestres e patrões.

E não será muito difficil vencer. Basta que todas as outras classes sejam tão unidos como os canteiros, que podem servir de exemplo para a conduta a seguir.

Que a comissão nomeada empregue todos os esforços, de forma que a União Operaria Transmontana corresponda aos fins para que foi creada.

No proximo numero diremos mais alguma coisa.

Foi distribuido um manifesto —A's Classes de Construção Civil— convidando os operarios a reunirem para tratarem do horario de trabalho.

MATOINHOS

Do senhor Vitorino R. de C. recebemos um arrazoado insultando um individuo, que julga ser o correspondente do nosso periódico.

Não é com ataques que deve responder aos ataques que lhe são feitos—e que demonstra serem a si dirigidos, pois que nã se falando em nomes, não deixou de se julgar atingido.

Se o senhor pode refutar o que foi dito, com todo o gosto pomos o periódico ao seu dispor.

Vida Associativa

Portalegre

As associações de classe desta cidade receberam uma circular da União Operaria Nacional, para que se fizesse a maxima propaganda a favor do movimento geral em prol dos presos por questões sociaes, baratiamento da vida e horario de trabalho.

As mesmas associações nomearam uma comissão para tratar do assumto, a qual promoveu uma reunião publica no dia 5 do corrente, estando bastante concorrida.

Presidiu o camarada Epifanio C. Papafina secretariado pelos camaradas João B. Morão e Antonio P. Carrajola, falando os camaradas José L. Tavares, Manoel Lourinho, Ignacio A. Miranda, Antonio Soares, José Gil, Manuel Espalha e Cára Lavada, sendo todos unanimes em que se devia, desde já, reclamar a liberdade dos presos por questões sociaes, o barateamento da vida e as 8 horas de trabalho. Por fim foi aprovada um proposta do camarada Ignacio Miranda para que a classe operaria de Portalegre esteja em sessão permanente, até que ocasião oportuna permita agir de outra forma.

Federação Geral dos Trabalhadores de Transportes

Convocação

Deve realizar-se no dia 9 de

BASTA! SENHORES!

Está provado evidentemente, que nesta localidade se constituiu uma liga anti-social, ou para melhor dizer: uma sociedade anónima de responsabilidade limitada, a qual tem por fim lançar famintos trabalhadores, inconscientes e desorientados, contra irmãos seus do infortunio, os quais não lendo pela cartilha dum casta privilegiada e detentora do bem estar da humanidade, veem cometendo o grande e orrível crime de serem associados!

E' tempo de se sair dum profunda letargia e gritarmos bem alto: **BASTA SENHORES!** e que lhe demonstremos que a causa que defendemos, não é aquilo que cobarde e traiçoeiramente dizem ser; isto é, que o ideal anarquista não é mais nem menos do que a felicidade maior, a que todos os viventes deste tão pútrido planeta poderiam chegar.

Demais, srs. societarios, já alguma vez, por exemplo lesteis uma conquista do Pão—por Krapotkine; uma Dôr Universal—por S. Faure, ou uma Sociedade Futura—por Jean Grave, e tantos outros, que nos revelam á primeira vista esse grande ideal de Paz, Liberdade e Amor, para que assim tão traiçoeiramente o ataqueis? Que vós não, gosteis da sua doutrina, se é que já alguma vez os lesteis, concordo, mas que tão deslealmente o combatais, é tudo quanto ha de mais absurdo.

Ou vós imaginais que perseguindo-nos e ameaçando-nos com a cadeia e outras coisas—de que só nós, infelizmente, somos o unico sustentaculo—abafareis o nosso grande grito de revolta?!: **Abalxo a sociedade burguesa!** Como vos enganais!!!

Continua

Luiz Godinho.

janeiro, no Sindicato Ferro-Viario, Rua do Arco Marquez do Alegrete, 30-2.º, Lisboa, o congresso para a constituição da Federação Geral dos Trabalhadores de Transportes, sendo a sessão inaugural ás 10 horas do referido dia.

Realisar-se-hão duas sessões dentro de cada 24 horas, sendo uma das 10 ás 16 e outra das 20 até os congressistas resolverem encerrar a sessão, podendo o congresso prolongar-se pelo numero de dias ou horas que forem necessarias.

No proximo numero falaremos sobre este assumto.

Organização anarquista

U. A. C.—(Sede do Norte)—Porto.

Grupo «Avante».—Reune na proxima quarta-feira, ás 21 horas, no local costumado.

Ação Libertaria.—Este grupo reune hoje, pelas 14 horas, no logar do costume.

E' preciso que ninguem falte.

Convocação.—Amanhã, segunda-feira, ha reunião extraordinaria dos enviados dos grupos. O assumto é urgente.

Convidam-se a prestar contas, os individuos possuidores de bilhetes para o sorteio do retrato.

U. A. C.—(Sede do Sul).

Grupo «Cerebro e Braço».—(Portalegre)—Reuniu no local e horas combinadas, para tratar de um assumto de importancia.

Foram aceites mais dois agrupados.

Lisboa

Grupo Libertario «Luz do Futuro».—Este grupo declara que retirou toda a confiança a Romeu Rodrigues Viana, pelo seu procedimento menos digno para com a União Anarquista Comunista (Sede do Sul) e pelo seu estado de decadencia moral.

Grupo Juventude Libertaria «A Barricada».—Com este

titulo constituiu-se um grupo, cujos fins são: difundir os principios anarquistas.

Nucleo Juventude Libertaria.—Prevem-se todos os camaradas agrupados, de que no proximo mez de Janeiro recomencará a proceder-se á cobrança, que até aqui foi posta de parte. Vai-lhes ser enviada uma circular dando conta dos trabalhos a realizar; mudando este Nucleo, um pouco a sua organização, para trabalhos mais praticaveis e de mais efeitos para a propaganda anarquista.

Pede-se a comparência dos camaradas: Manuel de Abreu, Carlos José de Souza, Eduardo Relvas, Joaquim Gonçalves e Serafim de Freitas, no dia 5 de Janeiro de 1916, pelas 21 horas, na Travessa do Cabral, 25-2.º para onde deve ser dirigida toda a correspondencia.

Trabalha-se átivamente para a solenização do 2.º aniversario deste nucleo, que terá logar no proximo dia 16 de Janeiro e que constará de sessão de propaganda, concerto musical, sarau dramatico, etc.

Encontra-se novamente no Hospital de S. José, enfermaria do mesmo nome, cama n.º 75, Bartolomeu Constantino, por ter peorado.

Os camaradas que o queiram visitar, podem faze-lo ás quartas e domingos, das 14 ás 15 horas.

Auxilio ao camarada Bartolomeu Constantino

Conceição Pires (Lisboa)	28000
Frederico (Belem)	500
Construção Civil (Olarias)	500
Quête aberta no penultimo comicio realizado na federação da construção civil (Olarias)	48050
Sauech (Lisboa)	500
Total	78550

A redação da «Comuna Livre» em Lisboa, mudou-se para o Bêco da Ricarda n.º 4, ao Carmo.

Correspondencia

CHAVES

O operariado de Chaves já está mais ou menos orientado na luta de classes e tende a seguir o verdadeiro caminho da emancipação, que não é, nem pode ser outro senão a luta aberta a todas as injustiças da sociedade hurguesa; desta sociedade sustentada pela fome dos produtores e corrompida por tão grande baixeza de caracter, por tamanha degradação moral, que só os refinadissimos patifes, perfidos e apocritas—e toda essa cambada ás ordens dos que se arrogam o direito de mandar espadeirar e machucar o povo—a podem tolerar e sustentar, para satisfação de insacaveis vicios e appetites.

A razão, porém vai sacudindo os cerebros dos que só vivem sofrendo, dando-lhes consciencia para seguirem o unico caminho que os conduz á conquista dos seus direitos:—a revolta.

Desde a fundação da União Operaria Transmontana, orientada no caminho das reivindicções e da revolta, alguma coisa tem con-

seguido os trabalhadores de Chaves, que contem na sua historia paginas brilhantes, datas inolvidaveis, onde a solidariedade se patenteia como arma, na luta d classes.

Porem, se recordamos os atos passados, para deles tirar o necessario ensinamento, não é menos verdade que depois das lutas de que a União saiu vencedora, caiu num estado vergonhoso de indeferença, parecendo adormecida com os louros da vitoria, a ponto de chegarem a ficar sem vida as associações de carpinteiros, tro-lhas e sapateiros. E porque? Pelo descuido das suas direções, pela nulidade da comissão e talvez mais por falta a todos a ação competente para tomarem resoluções definitivas. E, para as classes operarias, e em especial as classes da construção civil de Chaves saírem deste estado lamentavel de marasmo, foi preciso chegar aqui o grito de revolta da construção civil do Porto, proclamando o dia normal de 8 horas. Só então é que reconheceram a necessidade de lutar tambem, sendo nobre e altivo o seu gosto, dando a sua adesão ao movimento do Porto, e enviando ao presidente de ministros um docu-